

ENVELOPE

in memoriam António Palolo

O longe retrocede.

Celagem.
Dúctil a têmpera
convexa, cerzida corola.
Joia embalsamada,
mosaico e tule.

O voo da ampola
num aro calamitoso.
Pêndulo,
tarefa laqueada a fóssil.

Monótono,
volúvel alvo contuso
no prego do pigmento.
A titânio a posição
na fotografia.

A ilha. O arconte
no condão do loendro
um cervo agoniza.
A ogiva
um equívoco aziago.

Saraiva e quitina
saram o adorno
picotado a porcelana.
Miniatura o sortilégio.
Gravam o sofrimento.
Cardam o literal.

*

O vaticínio e o litígio.
Pálpebra de açafão.
Na açoteia
o paradoxo do conhecimento
e da sabedoria. O concreto.
Cirro-cúmulo.

Cérebro, o baço,
um rim latejam,
a metamorfose do fígado, do cólon,
a glândula saliente, o tegumento.

O sobretudo de bronze.
Euforia e lança
e a voz um fole.
Denso e vital, compromisso.

Tira a camisa. No seu peito
o mar.

*

O embate. Um entorse,
cólera sã,
decompõe-se.

Jugo de uma série.
Corrimão impiedoso.
O viaduto tênsil.

Cureta. Subtil
alicerce, provação.

Tsuga.

Bocal, pêlo glauco
a pilhagem.
Amolga e paira.

Junça, grou, o lago.
Na aldraba
a obsidiana corredia.

*

Arde o visitante,
repele, parte, partiu.

Quartzo, mola, gazua.
Pugna e presídio.
Favo, a sedução.

O corifeu, um auge
de tarlatana.

*

Luminosa flor no sisal
realça o dissabor.
À lupa o asilo atonal.

*

Um amigo, a fonte.
A água fuge-lhe no torso,
labareda e ressalto,
lingote.
Na ombreira
um pássaro a sangrar.

*

Recolhem o júbilo
dos invólucros em látex.

Sujos o adesivo
um afago.

Bolça-os à fornalha
nauseabunda
doma o clamor bonançoso,
incinera.

Arroba hermética
do soturno.